

las alusiones a las obras concretas del autor de *Transatlántico* más o menos visibles en la literatura argentina y presentadas por Kobyłecka-Piwońska.

Dicha monografía que viene complementada con la antología constituye un esquema de la red extensa de las relaciones intertextuales que vinculan la obra de Gombrowicz con la obra de sus sucesores literarios. Es interesante que la autora, refiriéndose a la teoría de intertextualidad, intenta distanciarse de la categoría del impacto que —a decir verdad— es bastante difusa. A veces aplica este término, pero lo intercambia con genealogía, sin precisarlo teóricamente. Y aunque frente a las acusaciones que se formulan comúnmente a la llamada “impactología”, esta precaución se puede entender, tengo la impresión de que darle más énfasis en el trabajo de Ewa Kobyłecka-Piwońska sería adecuado. Especialmente con ella se podría demostrar aún más claramente la relación interesante que constituye una de las conclusiones más importantes del trabajo, es decir, el inverso de los mecanismos descritos por Harold Bloom en *La angustia de la influencia*. Pues bien, la influencia de Gombrowicz en Argentina es frecuentemente la influencia muy deseada que testimonia el vanguardismo del escritor y justifica su oposición contra el llamado “centro”. La investigadora logra demostrarlo gracias a su aguda sensibilidad comparativa y sus conocimientos de la sociología literaria tanto de la escena argentina, como mundial.

Martyna Pańczak
ORCID: 0000-0001-6363-9774
(Uniwersytet Wrocławski)

Traducción del polaco de Ewa Gomółka

JOÃO LOPES FILHO, *Cartas de um Sempalhudo (1844–1845)*, Praia, Universidade de Cabo Verde, 2017, 159 pp.

DOI 10.19195/2084-2546.27.25

Os livros têm as suas histórias. As vezes acontece que um livro esteja esquecido durante dezenas ou centenas de anos para ser redescoberto e provocar polémicas. Há também livros que nascem por inspiração de outro livro. João Lopes Filho teve a ideia interessante de “desempoirear” a polémica de um misterioso e anónimo autor cabo-verdiano dirigida contra o estudo geográfico de Chelmicki e Varnhagen, publicado em Lisboa em 1841.

O livro de José Carlos Conrado de Chelmicki¹ e Francisco Adolfo de Varnhagen *Corografia Cabo-Verdiana ou Descrição Geographico-Histórica*

¹ Nome aporuguesado de Józef Karol Konrad Chelmicki (1814–1890), emigrante polaco em Portugal após o Levantamento de Novembro (Powstanie Listopadowe) em 1830.

da *Província das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné* (Lisboa, 1841) é sem dúvida uma obra fora do comum. Em primeiro lugar, devemos reparar que o trabalho, apesar de ter tido só uma edição em 1841, é continuamente citado e lembrado. Só nos últimos anos podemos indicar no mínimo cinco referências dele em obras de diversa índole. Basta citar: Daniel Pereira, *Cidade da Praia de Santiago no compasso do tempo* (Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2012), António Correia e Silva, Zelinda Cohen *Cabo Verde o Despertar de Darwin* (Praia, Rosa de Porcelana, 2017), Jan Stanisław Ciechanowski, *Portugal, Obrigado! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa Ocidental nos anos 1940–1945* (Varsóvia, Oficyna Wydawnicza RYTM, 2015), Elvira Reis, Jacinto Estrela e Włodzimierz J. Szymaniak, *Mistérios da Ponta do Sol* (Praia, Biblioteca Nacional, 2017) ou Danilo Santos, *A Imagem do Cabo-Verdiano nos textos portugueses 1784–1844* (Praia, Livraria Pedro Cardoso, 2017).

A *Corografia* é um estudo de dois volumes que oferece uma descrição detalhada das colónias portuguesas em África Ocidental, nomeadamente das ilhas de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Sem dúvida, foi o primeiro trabalho tão completo publicado em língua portuguesa sobre aquela parte do Império. Podemos acrescentar que na altura as elites portuguesas deram-se conta que o continente africano merecia mais atenção da parte da metrópole, e que havia outras potências coloniais perigosamente interessadas nos vastos territórios do Império Português. Em consequência, dois jovens engenheiros militares (os dois de vinte e tal anos) receberam a missão para realizarem um estudo descritivo da província. Os dois eram jovens, formados, cosmopolitas e detinham já alguma experiência militar e profissional. A obra deles, por um lado baseia-se no estudo documental muito sólido, mas, por outro lado, contem informações recolhidas através da observação *in loco*, incluindo zonas pouco exploradas dos territórios apresentados. No caso do jovem tenente Chelmicki nota-se um fascínio pela montanhosa ilha de Santo Antão e uma atração pelos mitos insulares, facilmente compatíveis com o imaginário romântico polaco. Podemos ainda acrescentar que o jovem Józef Karol Konrad Chelmicki participou como cadete no Levantamento de Novembro em 1830 contra a ocupação russa da Polónia. Após a derrota, que levou a emigração em massa das elites polacas, refugiou-se em França, onde fez estudos na Sorbona. Mais tarde passou ao soldo do Rei de Portugal na metrópole e nas províncias ultramarinas, onde exerceu vários cargos militares.

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em 1816 no Brasil como filho de um engenheiro austríaco ao serviço do Rei de Portugal. Fez estudos de engenharia militar na Real Academia de Fortificação. Contudo, a paixão dele era a história e nos anos cinquenta do século XIX publicou a *História Geral do Brasil* em dois volumes. Em 1844 adquiriu a nacionalidade brasileira e entrou no corpo diplomático do jovem país. Como aponta João Lopes Filho, além da diplomacia, dedicava-se às pesquisas históricas nas bibliotecas e arquivos estrangeiros. Morreu em 1870 em Viena.

Como reparou João Lopes Filho a visão dos autores é exógena, ou seja oferecem um olhar exterior, europeu, para uma realidade africana, fazendo algumas críticas e acusando, frequentemente quer a população local quer as autoridades coloniais de passividade, de ignorância, de incúria e até de corrupção. Podemos acrescentar que as críticas provocaram reação da superiores locais e Chełmicki foi exonerado do cargo, chamado de ignorante e reenviado para Lisboa. Curiosamente a mesma obra valeu-lhe a condecoração da Ordem do Cristo, atribuída pela Rainha Dona Maria II. Posteriormente Chełmicki publicou ainda vários trabalhos, e seguindo a carreira militar chegou ao grau de general no exército português. Durante toda a vida manteve contactos com intelectuais da Polónia. A correspondência dele sempre estava relacionada com livros e evidenciava uma sede de novidades editoriais da longínqua pátria. Morreu em 1890 em Tavira no Algarve, onde a memória dele permanece através do nome de uma rua.

Enquanto as biografias de Chełmicki e de Varnhagen são bem conhecidas, não sabemos quase nada sobre o *Sempalhudo* que publicou catorze *Cartas* no Boletim Oficial de Cabo Verde entre 1844 a 1845. Ignoramos igualmente as razões que o motivaram para guardar o anonimato. Em parte, a postura e o anonimato dele podem ser explicados pela rivalidade e a desconfiança mútua entre os reinóis (originários da metrópole) e os crioulos insulares. Podemos ainda acrescentar que a discórdia resultava principalmente do estatuto desigual com todas as implicações legais, financeiras e culturais. João Lopes Filho explica que o termo *Sempalhudo*, utilizado, *nota bene*, no arquipélago até hoje, se referia aos habitantes da ilha do Fogo e posteriormente também para habitantes de todas as ilhas a exceção de Santiago e Maio. Os originais de Santiago, por sua vez, eram e são apelidados de *vadios* (*badio* em crioulo).

O Boletim Oficial de Cabo Verde era uma publicação de carácter oficial, mas disponibilizava algum espaço (*parte não oficial*) para crónicas, poesia e ficção. O *Sempalhudo* sempre agradece ao redator a possibilidade de tecer os seus comentários. A crítica principal que tece aos autores é o desconhecimento da realidade insular e o desrespeito pelas autoridades locais. João Lopes Filho após a análise do livro e das cartas salienta que “não temos bem a certeza qual das partes será detentora da verdade” (p. 30).

A conceção do livro é muito interessante porque tem como base a contextualização histórica das províncias africanas, confrontada com as cartas publicadas por *Sempalhudo*. São em total catorze cartas publicadas entre junho de 1844 e outubro de 1855. As cartas são bem escritas, bem redigidas e indiciam um certo nível cultural do autor, apesar das declarações de modéstia, feitas por *Sempalhudo*:

com quanto conheça que é basto atrevimento em mim aparecer em público, eu, a quem faltam os mais simples conhecimentos de literatura, que apenas aprendi a ler e escrever alguma conta e com muito custo nas ruins escolas com que nos facilitava o governo absoluto (9ª Carta).

Como reparou João Lopes Filho o *Sempalhudo* ao criticar o governo absoluto, declara a aderência aos liberais (p. 7). Por outro lado, como já afirmámos, a erudição dele mostra grande bagagem cultural e muitas leituras feitas.

É interessante ver que a ironia do *Sempalhudo* é bem legível hoje apesar da distância de cento e setenta anos. Por exemplo, já na primeira carta, a título de conclusão propõe aos *ilustres auctores* a alteração do título para “Romance Cabo-Verdiano”. Na carta nona diz ainda que o “Sr. Chelmicki rematou a sua novella acerca desta Ilha”. No caso da ilha do Fogo diz ainda que alguns erros do livro podem resultar de conhecimento insuficiente do *crioulo cerrado* ou mesmo das gracinhas de algum *bel esprit* “que se quis divertir com a credulidade do Sr. Chelmicki” (p. 133). Podemos ainda acrescentar que a visão de Chelmicki e Varnhagem é otimista e corresponde ao surgimento do positivismo na Europa que criava esperança no desenvolvimento económico. Por isso, Chelmicki e Varnhagen estavam indignados pela ausência do cais acostável no porto da Praia, apesar da importância da economia marítima para as ilhas. O *Sempalhudo* responde com violência, principalmente por causa da responsabilidade atribuída “a desleixo dos Governadores desta Colonia e a ruim administração”. Reparemos que o neste caso o epistológrafo não entra em polémica sobre a necessidade do cais acostável no porto da Praia, mas defende veementemente “corporações respeitáveis” e “homens ainda mais respeitáveis porque representaram no paiz a Coroa de Portugal”.

Como já dissemos Chelmicki ostentava um interesse particular pela montanhosa ilha de Santo Antão. As paisagens das ribeiras verdes e as vistas de colinas altas, com o oceano como pano de fundo, fecundavam a imaginação do jovem engenheiro. Percorrendo a ilha, Chelmicki reparou na beleza paisagística do *Cham da Ponta do Sol*. O *Sempalhudo* ficou indignado e cobrou ao autor de “escrever não o que existe, mas o que lhe pareceu” (carta 1ª). Curiosamente em 2015, cento e setenta e quatro anos após a publicação do livro, a revista *National Geographic* escolhe a aldeia Fontainhas, situada um pouco mais alto no mesmo maciço montanhoso, como segunda aldeia mais bela do mundo. Assim, aproximamo-nos às abordagens modernas da paisagem que a definem como conjugação de fatores naturais filtrados pela interferência sublime das experiências do observador. E as experiências do *Sempalhudo* e dos autores do livro eram bem diferentes. Tal vez a diferença de perspectiva tivesse motivado a reação tão violenta do epistológrafo: “dava louvores a Deus por ver que em breve cairia no esquecimento a *Corographia Cabo-Verdiana*”. Contudo, o livro nunca caiu em esquecimento, e continua a ser citado.

Finalizando devemos sublinhar que na altura Cabo Verde, ao contrário de outras colónias portuguesas, se caracterizava pela estabilidade interna. Mais, o arquipélago servia também como fonte de quadros administrativos para outras colónias do Império. As elites cabo-verdianas de alguma maneira serviam de intermediários entre o reino e as populações de outras colónias (por exemplo Guiné-Bissau). Daí, o *Sempalhudo*, sem dúvida membro da elite

local, via nas críticas de jovens forasteiros uma clara ameaça para sua posição privilegiada dentro do sistema.

Obviamente hoje não nos devemos situar em posição de juiz para determinar qual das partes detinha a razão.

Resumindo a nossa apreciação sobre o livro podemos concluir que se trata de um trabalho particularmente valioso e que pode interessar uma gama ampla de leitores com motivações bem diversas. Por outro, lado penso que igualmente interessante seria ler os dois volumes do trabalho de Chełmicki e Varnhagen e confrontar o texto original com as observações críticas do *Sempalhudo*.

Em consequência, uma reedição fac-similada da *Corografia Cabo-Verdiana ou Descrição Geographico-Histórica da Província das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné* (1841) podia ir ao encontro do interesse de muitos leitores.

Włodzimierz J. Szymaniak

ORCID: 0000-0001-7541-4601

(Universidade Jean Piaget de Cabo Verde)

JOANNA POPOWICZ, *Radość we współczesnym języku hiszpańskim i polskim. Kognitywna analiza semantyczna wybranych leksemów*, Kraków, Universitas, 2018, 376 pp.

DOI 10.19195/2084-2546.27.26

Los estudios de lingüística cognitiva abarcan diferentes investigaciones y áreas de estudio que se centran por una parte en los problemas filosóficos de la ciencia cognitiva y, por otra, analizan la relación entre el lenguaje y la cognición. Es precisamente en este marco en el que surge la monografía de Joanna Popowicz que pretende dar cuenta de la complejidad de la comprensión de un concepto lingüístico abstracto que atraviesa diversos procesos cognitivos y de pensamiento humano. De este modo el lector puede observar cómo se manifiesta la conceptualización de la noción de alegría presente en el corpus lingüístico contemporáneo español y polaco. La autora, basándose en la metodología cognitiva, estudia los conceptos claves para la descripción semántica de distintos sentimientos contiguos a través de diferentes tipos de análisis. Para esta finalidad le propone al lector una investigación detallada que implica un enfoque extendido del significado (lo que incluye conocimientos enciclopédicos de los objetos designados), un modelo de categorización natural descrito en términos de prototipo (teoría de los prototipos), un fenómeno de polisemia y un modelo de red de significado que representa objetos y su relación (ver la semántica de marcos de Charles J. Fillmore). Además, se refiere a los esquemas imaginarios, a la teoría de la metáfora y de la metonimia conceptual que desempeñan un papel sumamente importante en la formación de los concep-